

Covid-19 e a Cobertura da Mídia Hegemônica¹

Isaac de Sousa Ribeiro²

Rafael Bellan³

Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES

RESUMO

Este artigo é parte de uma investigação, ainda em curso, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades da Universidade Federal do Espírito Santo, cujo objetivo é avaliar como o jornal A Tribuna relaciona a pandemia do novo coronavírus à população negra capixaba. Para esta produção, vamos trabalhar conceitos de racismo, hegemonia, crítica de mídia e refletir sobre o papel social da comunicação/jornalismo. Além disso, vamos mostrar, com base nos dados do Instituto Jones dos Santos Neves, que a população do Espírito Santo é formada, em maioria, por pretos e pardos, de onde surgiu a ideia do tema. Desse modo, a temática racial, com informações importantes acerca da prevenção, dos cuidados e das ações favoráveis a essa população, tem urgência na disposição de espaço e atenção nos meios de comunicação.

PALAVRAS-CHAVE: Coronavírus; Hegemonia; Negros; Racismo.

1 INTRODUÇÃO

Desde o anúncio da pandemia do novo coronavírus (SARS-CoV-2), responsável por causar a covid-19, o mundo assiste e assume novos comportamentos cotidianos a fim de evitar o contágio e o registro das complicações biológicas que o micro-organismo pode causar. No começo do enfrentamento, pouco era sabido acerca da doença, que rapidamente se espalhou.

O SARS-CoV-2 foi detectado pela primeira vez em dezembro de 2019, na cidade de Wuhan, província de Hubei, na China. A doença apresenta um quadro clínico que varia de infecções assintomáticas a quadros respiratórios graves (BRASIL, 2021a). No dia 11 de março de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou a pandemia (OPAS, 2020).

Para preservar o máximo de pessoas possível, autoridades da OMS e dos mais diversos países orientaram que gestores políticos determinassem medidas sanitárias que pudessem

¹ Trabalho apresentado no GT Comunicação e Saúde, do PENSACOM BRASIL 2021.

² Mestrando do Curso de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades da Universidade Federal do Espírito Santo – Ufes – e-mail: isaac.ribeiro@edu.ufes.br

³ Orientador do trabalho. Prof. Dr. da Universidade Federal do Espírito Santo – Ufes - email: rafaelbellan@yahoo.com.br

evitar ou reduzir as chances de contágio como manutenção do distanciamento social, o uso de máscara e a higienização do corpo, principalmente, das mãos.

A primeira pessoa do Brasil a morrer com diagnóstico da doença foi Rosana Aparecido Urbano, de 57 anos, moradora do estado de São Paulo. Outras quatro pessoas da família dela também faleceram em decorrência da contaminação viral (VIEIRA e MARQUES, 2020).

No Espírito Santo, o primeiro caso de contaminação foi registrado no dia 26 de fevereiro de 2020. De acordo com o governo do Estado, uma moradora de Vila Velha, na região metropolitana, retornou de uma viagem da Itália já infectada. À época, o país europeu era considerado o epicentro da doença (AVILEZ, 2020).

Já a primeira morte em solo capixaba foi anunciada no dia 2 de abril de 2020. A vítima era um homem de 57 anos, morador da Serra, cidade da região metropolitana. A informação foi confirmada pela Secretaria de Estado da Saúde (MENDONÇA, 2020).

2 COVID-19 E A COBERTURA JORNALÍSTICA

No que tange à cobertura jornalística, Nocelli (2020, p. 5) observou que à medida que casos da doença foram confirmados no mundo, inicialmente nos países europeus, a imprensa brasileira deu destaque à covid-19. A partir da confirmação do primeiro diagnóstico positivo no Brasil, os veículos passaram a divulgar diariamente informações sobre o assunto.

Lima (2020) complementa que, nesse contexto de pandemia, mais do que nunca, o jornalismo tornou-se “[...] essencial para informar acerca de tudo que interessa, desde utilidade pública em atendimentos de saúde, número de infectados e vítimas até outras questões [...]”.

Magnoni e Miranda (2018) destacam que a prática comunicacional demanda uma análise que considera as nuances sociais, as ferramentas disponíveis para a construção do discurso e o contexto no qual está inserida a mensagem. “A Comunicação Social pode ser dimensionada em uma intersecção da ideia de formação de opinião e das transformações sociais pelas quais passaram a sociedade”.

Até o dia 13 de março de 2022, o levantamento diário publicado no site da Universidade Johns Hopkins (2022) mostrava que 456.956.790 pessoas foram infectadas pelo

coronavírus no mundo. Desse total, 6.042.210 morreram. No Brasil, na mesma data, o Ministério da Saúde (BRASIL, 2022b) registrava 29.350.134 casos e 654.945 óbitos.

No Espírito Santo (2022), o Painel Covid-19 indicava que, nesse mesmo período, a doença havia atingido 1.031.831 capixabas, tendo provocado a morte de 14.235 pessoas. No que tange à população negra, dados anunciados pelo Governo do Estado no dia 25 de outubro de 2021 (ESPÍRITO SANTO, 2021) mostram que os negros representavam 37,5% dos infectados pelo vírus e, do total de óbitos, 41% eram homens e mulheres autodeclarados pretos e pardos.

Segundo especialistas da Secretaria de Estado da Saúde – Sesa (RIBEIRO, 2020a), a pandemia se concentrou inicialmente na região metropolitana, que apresenta alta densidade demográfica, e em seguida se instalou na periferia, região com alta densidade domiciliar, onde muitas pessoas dividem os mesmos espaços de um imóvel.

Essa dinâmica de migração da doença chama a atenção quando vêm à tona as informações da Síntese dos Indicadores Sociais do Espírito Santo, elaborada pelo Instituto Jones dos Santos Neves (IJSN). No item intitulado Deficiências nas Condições de Moradia, a Síntese revelou que 13,4% das pessoas autodeclaradas pretas, 11,1% das pessoas pardas e 6,3% das brancas residentes no estado viviam em moradias inadequadas no ano de 2017 (ESPÍRITO SANTO, 2018).

O tópico engloba domicílios adensados, aqueles onde três ou mais pessoas dormem em um mesmo cômodo. Segundo o Instituto (RIBEIRO, 2020b), no primeiro trimestre de 2020, a população capixaba era de 4.043.000 habitantes. Desse total, 51,6% são pardos, 37,1% são brancos e 10,6% são pretos. O índice de 0,7% está distribuído entre as populações indígena e amarela. Considerando que a denominação de população negra se dá com a soma de pretos e pardos, é possível destacar que a maioria do povo capixaba é formada por pessoas negras (pretos + pardos).

É possível perceber as diferenças entre brancos e negros no Brasil quando são analisados os dados de renda, educação, exposição à violência, entre outras. Embora os negros somem 54% da população brasileira, eles representam 75% da população mais pobre. Entre os mais ricos, são 17% (SILVA; MORAIS; SANTOS, 2020).

Diante dos números apresentados, identifica-se a fragilidade dos negros em relação à contaminação pelo coronavírus, haja vista que a maior parte das moradias inadequadas

no estado são ocupadas por pretos e pardos. Em um momento em que era indicado às pessoas a ficarem em casa, evitarem aglomeração e se atentarem para os cuidados com a higiene, a fim de diminuir o contágio da covid-19, esses indivíduos se viram em moradias superlotadas, muitas vezes sem provisão de serviços básicos de infraestrutura, como esgotamento sanitário e tratamento de água (Fonte?).

Segundo Maimunah Mohd Sharif, diretora executiva do Programa das Nações Unidas para os Assentamentos Humanos (ONU-Habitat), “A habitação é agora amplamente reconhecida como uma das principais defesas contra a Covid-19, com residentes em todo o mundo sendo instruídos a ficarem em casa e lavarem suas mãos” (CAHÚ, 2020).

Nesse diapasão, médicos da Sociedade Brasileira de Infectologia (2020) alertam que tal cenário é o ideal para a propagação da covid-19. O vírus é transmitido, principalmente, por gotículas respiratórias que uma pessoa sintomática pode expelir ao tossir, espirrar ou falar ao manter contato físico a menos de 1 metro de distância com uma pessoa saudável.

Dessa forma, Silva, Morais e Santos (2020, p. 303) alertam:

Diante deste crescente de problemas, pode-se imaginar que, a exemplo de vários outros problemas de saúde, sociais e econômicos que são vivenciados de forma diversa, pelos diferentes grupos raciais, de gênero, de classe ou territoriais, dentre outros (PNUD, 2019), os diferentes grupos populacionais sofrerão de forma diferenciada os efeitos dessa pandemia. Diante disso, cabe questionar: quais os efeitos da pandemia e de todas as medidas adotadas nos diferentes grupos sociais e em especial, naqueles que já são impactados pelo fenômeno da desigualdade social?

A partir do Censo brasileiro de 1991, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) passou a utilizar o critério da autotransclassificação segundo raça/cor da pele em cinco categorias: branco, preto, pardo, indígena e amarelo. A partir daí, a denominação de população negra se dava com a soma de pretos e pardos e, dessa forma, foi possível identificar como e em que posição a população negra estava situada na sociedade (SANTOS et al., 2020).

Esses dados ganharam mais relevância com a pandemia, pois, conforme abordam Gustavo Forde e Rasley Forde (2020, p. 5) “[...] é importante, antes de apresentar os dados, trazer à luz a problemática do racismo como proeminente fator de agravamento dos impactos da Covid-19 na população negra capixaba”.

Nesse contexto, e levando em consideração a relevância e o caráter transformador que um discurso midiático pode apresentar, este artigo vai analisar as edições do jornal A Tribuna, único impresso diário com circulação nos 78 municípios capixabas. O resultado a ser apresentado é parte de uma investigação, ainda em curso, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades da Universidade Federal do Espírito, cujo objetivo é ampliar o debate relacionado ao impacto da pandemia do novo coronavírus na população negra capixaba.

Conforme apresenta Moraes (2013, p. 15), “[...] os megagrupos midiáticos detêm a propriedade dos meios de produção, a infraestrutura tecnológica e as bases logísticas como parte de um sistema que rege habilmente os processos de produção material e imaterial”. Ainda na avaliação dele, o sistema tem capacidade de interferir na circulação de informações, interpretações de sentidos e no entendimento das crenças que formam consensos sociais.

O processo narrativo conduzido pelo jornalismo conecta a produção à disputa de sentidos, sobretudo, porque está enraizado em dimensões éticas e culturais próprias ao campo. Ao narrar, a figura jornalística trabalha pela permanência de sentidos que já estão postos e reforça, também, a construção de novas interpretações. Segundo Borela (2020), ao narrar, o jornalista trava uma luta contra a perda de memória, ao mesmo tempo em que configura esquecimentos e exclusões no próprio ato de construção do discurso em pauta.

3 INVESTIGAÇÃO

Este estudo pretende investigar e entender como a população negra do Espírito Santo é retratada e representada na cobertura do novo coronavírus pelo jornal A Tribuna e identificar de que forma o veículo apresentou as notícias relacionadas à doença e se, de alguma maneira, essas abordagens relacionaram a população negra capixaba.

A escolha de análise a partir do conteúdo publicado no jornal A Tribuna se deu pelo fato de o veículo ser o único produto impresso de circulação diária que é comercializado na Grande Vitória e nas cidades do interior do Espírito Santo.

O *corpus* foi composto por matérias publicadas em A Tribuna entre março de 2020, quando foi decretada a pandemia pela Organização Mundial da Saúde (OMS), e maio do mesmo ano, quando a doença circulava há três meses em solo capixaba. O trabalho será

iniciado com uma pesquisa exploratória (GIL, 2008) do impresso. Serão analisadas reportagens especiais e notícias que abordem a temática da doença.

O acesso será feito por meio do site do veículo, que disponibiliza gratuitamente todas as edições que compõem o corpus definido. Os arquivos podem ser acessados por meio de aplicativos/software que permitem a leitura de documentos no formato PDF. Após o download, as reportagens serão avaliadas. Serão catalogados o número de páginas que têm notícias com o assunto bem como a quantidade de notícias relacionadas à covid-19.

A proposta tem por objetivos específicos: a) mapear e tipificar, durante três meses, todas as matérias jornalísticas publicadas sobre a Covid-19 desde que a pandemia foi declarada pela Organização Mundial de Saúde (OMS); b) entender se o trabalho do veículo noticioso tem contribuído para informar a população negra, maioria no Espírito; c) analisar se o racismo estrutural tem sido fundamento teórico na construção da mídia escolhida.

Na concepção da pesquisa, a proposta é avaliar as reportagens sobre a negritude compiladas sob a ótica dos estudos de enquadramento jornalístico, de Murilo César Soares (2009) e Rothberg (2010). De acordo com Rothberg (2010, p.23), o enquadramento organiza ideias e é “[...] construído por meio de operações como seleção, exclusão ou ênfase de determinados aspectos e informações, compondo perspectivas gerais para a compreensão de acontecimentos e situações cotidianas”.

O conceito de enquadramento é usado para analisar de que forma as informações podem ser selecionadas, valorizadas, destacadas, omitidas ou atenuadas e assim acabam produzindo entendimentos diferentes de uma mesma situação (SOARES, 2009). abordagens. Para aprofundar o entendimento acerca das reportagens encontradas, o método escolhido foi a Análise de Conteúdo.

O processo conduzido por Laurence Bardin (2016) consiste na união do contexto criado no curso da investigação com o objeto pesquisado. A técnica metodológica é organizada em três fases: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados (BARDIN, 2016).

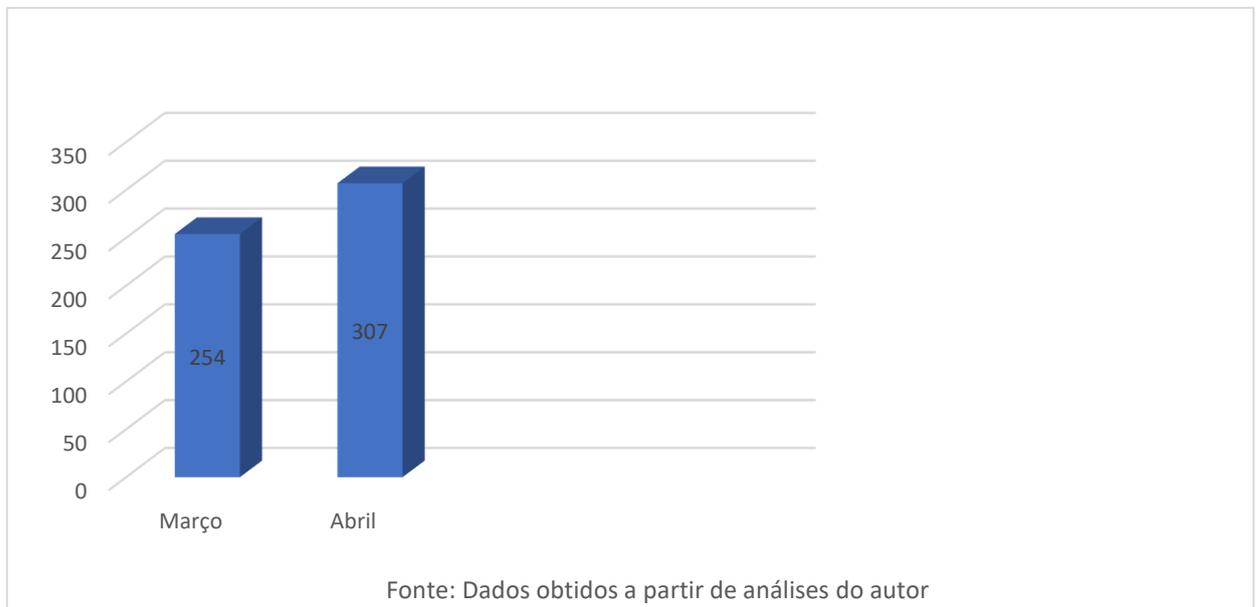
O material pode suscitar diversas possibilidades e interpretações. Sendo assim, Rothberg (2007) justifica o emprego da análise de conteúdo para minimizar ruídos de entendimento

entre as leituras preferenciais e secundárias. Outra característica conceitual identifica que a metodologia pode ser aplicada na comunicação oral ou visual de um texto, em conteúdos noticiosos e escritos, que podem ser analisados de forma crítica (BONONE, 2016, p. 82).

4 A ANÁLISE

Do dia 11 de março de 2020 ao dia 30 de abril do mesmo ano foram analisadas 661 reportagens publicadas em 51 edições do jornal A Tribuna. No entanto, desse total, nenhuma delas abordou o impacto ou relacionou, de alguma forma, a pandemia do novo coronavírus à população negra capixaba.

Figura 1 – Número de matérias e reportagens especiais publicadas no período



No corpus analisado, os negros ilustram, por meio de fotos, reportagens relacionadas à insegurança alimentar, auxílio emergencial e pautas produzidas por agências de notícias que tratam da doença no cenário nacional.

Figura 2 – Como as pessoas negras aparecem no veículo

6 ATRIBUNA VITÓRIA, ES, SÁBADO, 14 DE MARÇO DE 2020

Reportagem Especial

CORONAVÍRUS

Postos lotados com pacientes gripados

Com medo de estarem contaminadas com a Covid-19, as pessoas foram em busca de tratamento e orientações

Apresentando sintomas parecidos com a Covid-19 e preocupados em adquirir o vírus, capixabas estão lotando os postos de saúde da Grande Vitória, na busca por orientações e atendimentos médicos.

A reportagem de **A Tribuna** passou a tarde de ontem visitando algumas Unidades de Pronto Atendimento (UPA) de municípios como Vitória, Serra, Cariacica e Vila Velha.

Na Unidade de Pronto Atendimento (UPA) de Carapina, na Serra, além da recepção lotada, foi possível perceber um grande número de pacientes tossindo e com sintomas de resfriados. Além disso, muitas pessoas, que acompanhavam parentes doentes, usavam máscaras.

É o caso da dona de casa Suse Andreia Almeida, de 48 anos. Ela conta que decidiu usar a máscara devido ao medo que sente em contrair qualquer tipo de vírus, inclusive o coronavírus.

“Eu trouxe a minha mãe, de 90 anos, que está com sintomas de gripe e como minha imunidade é baixa, decidi usar a máscara, mais para me prevenir mesmo, já que dentro do PA tem muita gente tossindo e também com sintomas de gripe,” afirmou.

O receio de Suse é o mesmo da jovem Natchelly Souza, de 25 anos, que acompanhava o irmão, o estudante Leanderson Souza, na tarde de ontem, no Pronto Atendimento (PA) da Praia do Suá, Vitória.

O rapaz começou a apresentar sintomas parecidos com a da Covid-19, tais como tosse seca, febre e cansaço, há dois dias.

“Como a mulher dele não pôde vir, eu vim. Estou usando a máscara porque não sabemos ainda se o que ele tem”, contou Natchelly.

“Não estava conseguindo nem levantar da cama, mas como pediram para vir aqui”, disse Leanderson.

Em Cariacica, no Pronto Atendimento (PA) de Alto Laje, os vários pacientes que aguardam o atendimento no estacionamento do local reclamavam da falta de orientação aos pacientes.

VACINA

A Campanha Nacional de Vacinação Contra a Gripe, antecipada em quase um mês, vai começar no próximo dia 23.

Idosos e profissionais de saúde serão os primeiros públicos vacinados. Nas clínicas particulares, as vacinas podem ser aplicadas em todas as pessoas com preços que giram em torno de R\$ 120.



NATCHELLY e Leanderson usaram máscaras e luvas durante atendimento

As pessoas não negras figuram entre os entrevistados apontados como especialistas em saúde (médicos, enfermeiros, pesquisadores). No exemplo acima, a voz negra é ampliada, no entanto, não é traçado qualquer paralelo que correlacione a raça ao maior acometimento da doença em solo capixaba.

No grupo formado por negros, tem-se a maior probabilidade de impacto negativo em relação às infecções e mortes provocadas pelo novo coronavírus (NUNES, 2020). Levando em consideração o papel social e a importância do jornalista na construção da cidadania (LOPES; PROENÇA, 2003), é preciso refletir acerca dos mecanismos que antecedem a produção midiática.

É possível iniciar a análise sob a perspectiva do conceito de hegemonia do filósofo italiano Antonio Gramsci. Segundo ele, por intermédio de consenso, acontece a dominação cultural e político-ideológica de uma classe em detrimento de outras.

Moraes (2010) fundamenta que no entendimento de Gramsci, a hegemonia é obtida e consolidada em embates que comportam não apenas questões vinculadas à estrutura econômica e à organização política, mas envolvem também, no plano ético-cultural, a expressão de saberes, práticas, modos de representação e modelos de autoridade que

querem legitimar-se e universalizar-se. Portanto, a hegemonia não deve ser entendida nos limites de uma coerção pura e simples, pois inclui a direção cultural e o consentimento social a um universo de convicções, normas morais e regras de conduta, assim como a destruição e a superação de outras crenças e sentimentos diante da vida e do mundo.

Na arena de luta de classes, as batalhas pela conquista de poder se dão por duas esferas detentoras de materialidades específicas: a sociedade política e a sociedade civil. A política pode ser interpretada como um conjunto de mecanismos, coordenados pela classe dominante, que atua na repressão e na coerção dos grupos burocráticos unidos às forças armadas e policiais e à aplicação das leis.

Já a sociedade civil incorpora ferramentas distintas do Estado e opera na construção de valores e ideologias, tais quais a igreja, os partidos políticos, a escola, os sindicatos de classe, as corporações profissionais, as instituições científicas e culturais, e os meios de comunicação, estes últimos conceituados por Gramsci como aparelhos privados de hegemonia (GOMES, 2020).

Segundo Moraes (2010, p. 98), os aparelhos midiáticos trabalham para alcançar o consenso como condição indispensável à dominação, “Por isso, prescindem da força, da violência visível do Estado, que colocaria em perigo a legitimidade de suas pretensões. Atuam em espaços próprios, interessados em explorar as contradições entre as forças que integram o complexo estatal”.

Para entender o jornalismo com base no conceito de hegemonia, é necessário avaliar suas características a partir de uma práxis histórica, condicionada ao conjunto político-econômico, ético-moral e cultural que rege a lógica do sistema capitalista (PEIXOTO, 2019). Tal atividade não pode ser concebida de forma isolada de um contexto histórico ou por pura e simples reprodução ideológica.

Dessa forma, Peixoto (2019, p. 16) explica que a relação entre jornalismo e hegemonia pode ser entendida como após a reflexão da perspectiva gramsciana de conhecimento, intelectualidade e práxis jornalística.

4 MEIOS DE COMUNICAÇÃO

Os meios de comunicação são multifacetados, considerados instrumentos de produção e disseminação de conteúdos e entretenimento, e contribuem para o processo de educação informal dos indivíduos. Foi através dos veículos de comunicação de massa que a

sociedade global tomou conhecimento da Covid-19 (OLIVEIRA; CHRISTINO; MACHADO JÚNIOR, 2021).

Se esses meios têm a capacidade de distribuir a informação a uma audiência de massa (DEFLEUR, 1993), e a mídia pode ser uma ferramenta no discurso hegemônico, quem são os que produzem esses recortes? Para Gustavo Forde e Rasley Forde (2020, p. 5) “[...] é importante, antes de apresentar os dados, trazer à luz a problemática do racismo como proeminente fator de agravamento dos impactos da Covid-19 na população negra capixaba”.

Uma sugestão para encontrar um ponto de reflexão é avaliar o que Almeida (2021) traz como racismo institucional. Segundo o autor, o domínio se dá com estabelecimento de parâmetros discriminatórios baseados na raça, que servem para manter a hegemonia do grupo racial no poder. Dessa forma, a cultura, os padrões estéticos e as práticas de poder de um determinado grupo assumem o rumo civilizatório do conjunto da sociedade. Almeida (2021, p. 40, grifo do autor) acrescenta:

Assim, o domínio de homens brancos em instituições públicas – o legislativo, o judiciário, o ministério público, reitorias de universidades etc. – e instituições privadas – por exemplo, diretoria de empresas – depende, em primeiro lugar, da existência de regras e padrões que direta ou indiretamente dificultem a ascensão de negros e/ou mulheres, e, em segundo lugar, da inexistência de espaços em que se discuta a desigualdade racial e de gênero, naturalizando, assim, o domínio do grupo formado por homens brancos. O uso do termo *hegemonia* não é acidental, uma vez que o grupo racial no poder enfrentará resistências.

Gruppi (1978), por sua vez, destaca que hegemonia é a capacidade de unificar, com a ideologia, determinado bloco social que não é homogêneo, mas carregado de contradições de classe. E assim, diariamente, a mídia exerce um papel de formação de opinião e de instrução, seja em questões particulares, de formação ou interpretação de conjunturas ou na representação social do Estado (ALMEIDA, 2021).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista os apontamentos realizados, é possível observar que o jornal analisado tem suas abordagens conduzidas a partir de uma hegemonia caracterizada por pessoas

não negras que disputam e mantêm uma narrativa centrada na manutenção da influência que exercem sobre os demais grupos.

Conforme grifa Gomes (2020), fundamentado em um processo histórico, as subjetividades produzidas pelo racismo fazem com que os indivíduos estejam conectados pela prática social. “O racismo constitui todo um complexo imaginário social que a todo momento é reforçado pelos meios de comunicação, pela indústria cultural e pelo sistema educacional” (ALMEIDA, 2019).

Esse cenário só ocorre porque há um consenso de que somente aqueles que detêm as armas de influência podem dar as cartas. Logo, é notável que o racismo estruturado nas esferas sociais, sobretudo nas empresas midiáticas, dita a reprodução das ideologias das classes dominantes e, assim, pouco dialoga com aqueles considerados subalternos.

Quando silencia ou apaga a existência da população negra em suas edições, A Tribuna, além da fundamentação baseada em questões econômicas (CHARAUDEAU, 2015), coloca em prática, de forma elaborada, o que Almeida (2019) reconhece como racismo estrutural. Ele destaca que os sistemas de educação e os meios de comunicação de massa reproduzem subjetividades adaptadas de forma cultural. O autor frisa que o processo não é espontâneo.

Desse modo, a população negra, na condição de receptora do conteúdo produzido pela mídia hegemônica, pode não ter acesso a determinados produtos jornalísticos confeccionados com o viés racial porque não há pessoas pretas na condução desses empreendimentos comunicacionais ou com força de decisão editorial a ponto de ditar o que deve ou não ser veiculado. Sem a representação necessária, o povo não tem força capaz de transformar sua realidade em alguma perspectiva, força esta que é a informação.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro, 2019.

AVILEZ, Larissa. Primeiro caso de coronavírus no ES ocorreu na Quarta-feira de Cinzas. **A Gazeta**, 13 maio 2020. Disponível em: <https://www.agazeta.com.br/es/cotidiano/primeiro-caso-de-coronavirus-no-es-ocorreu-na-quarta-feira-de-cinzas-0520>. Acesso em: 14 dez. 2021.

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. São Paulo, Martins Fontes, 1977.

BORELA, Suzanne. **A configuração narrativa no jornalismo**: perspectivas e potencialidades. SBPJOR, Brasília, set. 2020. Seção 18ºSBPJor. Disponível em:

<http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2020/paper/view/2567>. Acesso em: 17 dez. 2020.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Acha que está com sintomas da COVID-19?** Brasília, 8 abr. 2021a. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/sintomas>. Acesso em: 20 nov. 2021.

_____. _____. **Painel Coronavírus Brasil**. Brasília, 14 nov. 2022b. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 13 mar. 2022.

CAHÚ, Giselle. **A importância da habitação durante a pandemia da Covid-19**. CITInova, Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações, 16 dez. 2020. Disponível em: <https://citinova.mctic.gov.br/a-importancia-da-habitacao-durante-a-pandemia-do-covid-19/>. Acesso em: 13 nov. 2021.

CHRISTOFOLETTI, Rogério (Org.). **Vitrine e vidraça: crítica de mídia e qualidade no jornalismo**. Beira: LabCom, 2010.

ESPÍRITO SANTO (Estado). **Painel Covid-19: Estado do Espírito Santo**. Vitória, 2021. Disponível em: <https://coronavirus.es.gov.br/painel-covid-19-es>. Acesso em: 13 mar. 2022.

_____. Secretaria de Economia e Planejamento. Instituto Jones dos Santos Neves. **Síntese dos indicadores sociais do Espírito Santo: análise das condições de moradia**. Vitória, 2018. Disponível em: <http://www.ijsn.es.gov.br/component/attachments/download/6262>. Acesso em: 12 nov. 2021.

FORDE, Gustavo Henrique Araújo; FORDE, Rasley de Paula. **Impactos da COVID-19 na população negra capixaba: breve análise capixaba**. Breve análise comparada à luz da categoria raça/cor. Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2020. Disponível em: <http://repositorio.ufes.br/handle/10/11478>. Acesso em: 13 nov. 2021.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, Nathália Esteves da Silva. **Os conflitos agrários nas páginas de A Tribuna: a disputa territorial entre quilombolas e o agronegócio do Eucalipto no Norte do Espírito Santo**. 2020. 116 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Territorialidades) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2020.

JOHNS HOPKINS. **Coronavirus Resource Center**. Estados Unidos, 14 nov. 2021. Disponível em: <https://coronavirus.jhu.edu/map.html>. Acesso em: 13 mar. 2022.

LIMA, R. A. A responsabilidade ainda maior do jornalismo local em tempos de pandemia. **Observatório da Imprensa**, 22 abr. 2020. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/jornalismo-local/a-responsabilidade-ainda-maior-do-jornalismo-local-em-tempos-de-pandemia>. Acesso em: 20 jan. 2020.

MAGNONI, A.F; MIRANDA, G.V. Jornalismo hiperlocal e internet: a comunicação hiperlocal cidadã como possibilidade na arena pública. **Comunicação & Informação**, Goiânia, v.21, n.3; p. 166-184, 2018.

MENDONÇA, Maíra. Espírito Santo registra primeira morte por novo coronavírus. **G1**, 2 abr. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/es/espírito-santo/noticia/2020/04/02/primeira-morte-em-funcao-do-coronavirus-e-confirmada-no-es.ghtml>. Acesso em: 16 dez. 2021.

MORAES, Dênis (Org.). **Mídia, poder e contrapoder**. Da concentração monopólica à democratização da informação. São Paulo: Boitempo, 2013.

NOCELLI, Gracielle Loures. Os desafios da pandemia da Covid-19 ao jornalismo local. Um recorte da realidade em Juiz de Fora. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 18., nov. 2020, [on-line]. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2020/paper/viewFile/2689/1309>. Acesso em: 15 dez. 2021.

NUNES, Aline. Mais de 70% dos infectados pelo coronavírus no ES são negros. **A Gazeta**, 1 jun. 2020. Disponível em: <https://www.agazeta.com.br/es/cotidiano/mais-de-70-dos-infectados-pelo-coronavirus-no-es-sao-negros-0620>. Acesso em 15 mar. 2022.

OPAS. **OMS afirma que COVID-19 é agora caracterizada como pandemia**. Organização Pan-Americana da Saúde, 11 mar. 2020. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/news/11-3-2020-who-characterizes-covid-19-pandemic>. Acesso em: 15 dez. 2021.

RIBEIRO, Isaac. Entenda a dinâmica da curva da Covid-19 no Espírito Santo. **A Gazeta**, 28 ago. 2020a. Disponível em: <https://www.agazeta.com.br/es/cotidiano/entenda-a-dinamica-da-curva-da-covid-no-espirito-santo-0820>. Acesso em: 7 dez. 2021.

_____. Negros da periferia são os que mais morreram por Covid-19 no ES. **A Gazeta**, 28 abr. 2020b. Disponível em: <https://www.agazeta.com.br/es/cotidiano/negros-da-periferia-sao-os-que-mais-morreram-por-covid-19-no-es-0420>. Acesso em: 1º dez. 2021.

ROTHERBERG, Danilo. Jornalismo e informação pela democracia. In: CHRISTOFOLETTI, Rogério (Org.). **Vitrine e vidraça: crítica de mídia e qualidade no jornalismo**. Beira: LabCom, 2010.

SANTOS, Márcia Pereira Alves dos et al. População negra e Covid-19: reflexões sobre racismo e saúde. **Estudos Avançados** [online], v. 34, n. 99, p. 225-244, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2020.3499.014>. Acesso em: 10 jan. 2021.

SILVA, L. I.; MORAIS, E. S. de; SANTOS, M. S. dos. COVID-19 e população negra: desigualdades acirradas no contexto da pandemia. **Revista Thema**, [S.l.], v. 18, n. Especial, p. 301-318, 2020. Disponível em: <http://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/view/1814>. Acesso em: 10 jan. 2021.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE INFECTOLOGIA. **Regras de ouro para um consultório seguro**. São Paulo, set. 2020. Disponível em: <https://infectologia.org.br/campanhas/regras-de-ouro/>. Acesso em: 12 jan. 2021.

VIEIRA, Bruna; MARQUES, Patrícia. Filha da primeira vítima de Covid no Brasil perdeu os avós e dois tios com a doença após a morte da mãe. **G1**, 19 ago. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/08/19/filha-da-primeira-vitima-de-covid-no-brasil-perdeu-os-avos-e-dois-tios-com-a-doenca-apos-a-morte-da-mae.ghtml>. Acesso em 16 dez. 2021.